

RECENSÕES CRÍTICAS

Harriett Low, *Lights and Shadows of a Macao Life: The Journal of Harriet Low, Travelling Spinster*, 2 volumes, (1829-1834), transcrição, introdução e notas de Nan P. Hodges e Arthur W. Hummel, The History Bank, Woodinville, 2002 (833 pp.)

Rogério Miguel Puga *

I every day exclaim, What a world this is, and what funny people in it. You may laugh at the idea of our seeing any thing of the world in Macao, but I'll assure you, we see an infinite variety of characters [... in] this distant and irreligious world!

Harriett Low, *Lights and Shadows...*, Part One, September 17 [1831], 2002, p. 263.

A propósito da recente publicação nos Estados Unidos da América da primeira edição completa dos nove volumes do diário de Harriett Low (1809-1877), a primeira jovem americana a residir em Macau, apraz-nos voltar a escrever quer sobre a autora quer sobre a terceira edição desta mesma obra.¹ Em língua portuguesa, até à data, debruçaram-se sobre o diário para publicar ou traduzir curtos excertos Manuel Teixeira, *Macau no Século XIX Visto por uma Jovem Americana*, 1981; Luís Gonzaga Gomes, *Páginas da História de Macau*, 1966 e Cecília Jorge, *MacaU*, nos. 84, 85 e 86 (II Série): Abril (pp. 45-53), Maio (pp. 42-49) e Junho de 1999 (pp. 44-51); também Jack M. Braga,

* I. S. E. C. (Lisboa). Bolseiro da Fundação Oriente.

¹ Vejam-se os nossos artigos sobre o diário de Harriett Low: "A vivência social do género na Macau oitocentista: o diário de Harriet Low (Hillard)", *Administração: Revista de Administração Pública de Macau*, n. 56, vol. XV, Governo da Região Administrativa Especial de Macau-Direcção de Serviços de Administração e Função Pública, Macau, 2002, pp. 605-664; "Imagens de Macau oitocentista: a visão intimista de uma jovem americana — O diário de Harriet Low (Hillard) (1829-1833)", *Estudos sobre a China V*, I. S. C. S. P., Lisboa, no prelo.

estudioso macaense, publicara, em inglês, no *South China Morning Post* (Hong Kong) de 27 de Agosto de 1962, um artigo intitulado "Macao through Harriet Low's eyes" (p. 4).

Em língua inglesa existiam até recentemente apenas duas antologias de excertos seleccionados por familiares da autora: *My Mother's Journal: A Young Lady's Diary of Five Years Spent in Manila, Macao and the Cape of Good Hope from 1829-1834*, introdução e notas da filha, Katherine Hillard (1900) e da autoria da neta: Elma Loines (ed.), *The China Trade Post-Bag of the Seth Low Family of Salem and New York 1829-1873* (1953), sendo estas duas edições (muito incompletas) citadas em inúmeros estudos quer da história de Macau quer das presenças inglesa e norte-americana no enclave.² Faltava, no entanto, uma edição completa das missivas que Harriett Low envia à irmã durante a sua estada na Cidade do Santo Nome de Deus desde 1829 até 1833, em que regressa aos Estados Unidos da América. Tal trabalho foi levado a cabo durante dez anos pela investigadora americana Nan P. Hodges, partindo de uma primeira transcrição de Arthur W. Hummel (1884-1975)³ e cujos resultados podem ser avaliados ao longo do texto, da introdução, das ilustrações e notas que compõem os dois volumes de *Lights and Shadows of a Macao Life: The Journal of Harriett Low, Traveller Spinster — Part One: 1829-1832/ Part Two: 1832-1834*, publicados em Junho de 2002, por The History Bank, Washington, podendo o livro pode ser encomendado na Europa à HOLO Books, Clarendon House, 52 Cornmarket, Oxford OX1 3HJ, United Kingdom (e-mail: holobooks@yahoo.co.uk) e em Hong Kong à Far East Media (Hong Kong) Ltd., Unit 1902 Hing Wai Centre # 7, Tin Wan Praya Road, Tin Wan, Hong Kong, FAX (852) 2873 6807 (e-mail: imelda@feml.com.hk).

Uma comparação atenta entre os textos transcritos por Katherine Hillard e Nan P. Hodges revela o quanto a primeira excluiu e modificou a partir da versão manuscrita, sendo a citação que serve de epígrafe a esta nossa recensão suficiente para o provar quando comparada à edição da filha de Harriett Low: "Everyday I exclaim, What a funny world this is, and what funny people there are in it! You may laugh at the idea of seeing

² Austin Coates, *China Races*, Oxford University Press, Hong Kong e Oxford, 1984, pp. 4-12; Jacques M. Downs, *passim The Golden Ghetto: The American Commercial Community at Canton and the Shaping of American China Policy, 17884-1844*, Lahig University Press, Bethlehem, 1997, entre outros.

³ Foi aliás Wummel que em 1944 adquiriu da filha de Harriett, Mary Hillard Loines, os nove volumes do diário para a Biblioteca do Congresso.

anything of the world in Macao, but, I assure you, we see an infinite variety of characters [... in] this distant and irreligious world!" (Harriet Low, *My Mother's Journal...*, September 17 [1831], 1900, pp. 104-5), tal como a forma como o nome da autora é escrito num e noutra texto, uma vez que Harriett é a forma utilizada pela própria. Apresentamos de seguida apenas uma ínfima percentagem das muitas descrições e comentários de Harriett Low durante a sua estada em Macau para que se possa julgar da riqueza histórica e antropológica, bem como dos inúmeros temas deste mesmo diário agora acessível no seu 'formato' original.

No dia do seu aniversário, em 24 de Maio de 1829, a jovem Low, oriunda de uma família unitária de Salem, Massachusetts, parte a bordo do navio *Sumatra* rumo a Macau para, durante quatro anos, acompanhar a sua tia doente, Abigail Knapp Low, esposa de William Henry Low (1795-1834). Na sua residência, o nº 2 do Pátio da Sé, no alto da Calçada de S. João, a autora descreve a vivência pluricultural do enclave sob administração portuguesa, bem como da cidade de Cantão, representando as facetas mais pitorescas das diferentes comunidades que compõem o tecido urbano de Macau, concorrendo assim para a divulgação de uma das características únicas do território, o exotismo, que se funde com a familiaridade europeia por entre estreitas e sinuosas ruas, adornadas pelo festim dos sentidos, através de sons, cores, formas, odores e significados que se ocultam por entre a observação da viajante ocidental. Ao longo dos quatro anos da redacção da narrativa íntima, Harriett descreve vários quadros que se acumulam durante a caracterização da vivência antropológica do Sul da China e enquanto narrativa 'estrangeira' sobre a vivência sócio-cultural de Macau, o(s) texto(s) apresenta(m)-se como fonte privilegiada de interpretações e factos ausentes nos textos portugueses, uma vez que a focalização americana da autora filtra e veicula, de forma diferente, a realidade que se desvenda perante os seus sentidos, levando, portanto, a conclusões também distintas, algumas das quais envoltas do que actualmente designamos de preconceitos religiosos e raciais. O ponto de vista presente na obra é, portanto, o de uma jovem *quaker*, longe da segurança e conduta social do local onde nascera e de onde se afasta a pedido de William Henry Low, que, entre 1829 e 1833, dirige a firma americana Russell & Co. Harriett descreve, então, a Molly a sua primeira imagem da exótica Cidade do Nome de Deus que a acolherá durante quatro longos anos:

There is an immense quantity of boats all about, in which whole families live, — indeed, two or three generations. The women steer the boats, and frequently have an infant slung to their backs, — the common mode of carrying children among the poor [...]. They sometimes use their children very cruelly. One idea of the Chinese amuses me exceedingly; that is, that a vessel cannot go without eyes. They therefore have a large eye painted on each side of the bow, which looks very singular; and if you ask them why, they say, “Hi yah, how can see without eye?”⁴

O primeiro contacto/impacto visual com a dimensão da alteridade da Cidade do Santo Nome de Deus remete para a diversidade cultural desta última, uma vez que a população marítima chinesa é a primeira a merecer um comentário por parte da autora que entra no enclave por via marítima. A representação do género, ou seja, da (simbologia da) masculinidade e da feminilidade encontra-se igualmente presente no texto envolta da ‘estética do diverso’,⁵ prendendo a imagem da tancareira a atenção de Harriett, bem como a forma como as crianças chinesas são tratadas pelos pais. O imaginário exótico é assim adensado por uma panóplia de imagens que a autora vai descrevendo ao longo dos seus passeios diários em Macau, remetendo a dimensão exótica do território para o conceito de alteridade, fundindo-se igualmente com a dimensão europeia, logo, mais familiar, da vivência do território. A sua singularidade advém da pitoresca mescla de formas de ser e de viver que adornam a paisagem antropológica do enclave que, sendo uma plataforma multicultural por excelência até aos dias de hoje, foi, desde sempre, um

⁴ Harriet Low, *My Mother's Journal*, pp. 27-28 (a pedido de Nan P. Hodges não citamos ainda de forma extensiva a sua edição da obra, recorrendo, portanto, à edição de 1900, páginas da qual indicamos após a citação entre parêntesis). William C. Hunter, *The 'Fan Kwae' at Canton Before Treaty Days 1825-1844*, Ch'eng-wen Publishing Company, Taipei, 1970, [1882], p. 151, descreve esta mesma prática, acabando por esclarecer a informação que Harriett adianta no seu diário, que só seria publicado em 1900: “[...] an eye was painted on each bow [of the boat...]”, informando em nota de rodapé (n. 1): “The ‘eyes’ on the bows of Chinese junks gave rise to the expression, ‘No got eye, no can see’, under the erroneous foreign belief that the Chinese attributed to them the power of seeing and avoiding danger. This is very far from the fact. The bows of sea-going junks represent the head of a dragon, with expanded jaws and full round eyes, [...] being the symbol of the Chinese empire [...].”

⁵ Expressão cunhada por Victor Segalen, *Essai sur l'Exotisme*, Le Livre de Poche, Paris, 1999, p. 41.

local privilegiado para se testemunhar a vivência transcultural entre várias etnias, religiões e vários costumes, como a autora descobre durante uma tempestade após a ópera: “The coolies with their enormous hats, wading up to their knees, and with lanterns in their hands, presented a curious picture. [...] It reminded me of the descriptions of Venice, and I took the chairs for gondolas.” (*August 6* [1833], 219).

A descoberta empírica da diferença do Outro, multidimensional e fruto de contemplação emotiva, é algo difícil de conseguir de uma forma objectiva, processo este que Todorov denomina ‘exotopia’, ou seja, “[...] afirmação da exterioridade do outro que acompanha o seu reconhecimento enquanto sujeito [...]”⁶ e que, por diversas vezes, pode ser observado no diário: “[...] talked to Uncle about the Chinese, their cruelty, their recklessness of life, their belief concerning a future state, etc. It is almost impossible to know what they believe, there is such a great variety of sects.” (*August 7* [1833], 220).

Surgindo do espaço-mistério que ilustra as distâncias da dicotomia: Eu civilizacional — Tu Outro, o exotismo, enquanto objecto de estudo, exige uma abordagem interdisciplinar que capte toda a sua complexidade, fundindo-se, portanto, com a experiência humana que a viagem geográfica e imaginativa proporciona, espelhando a imagem de contrastes que cada civilização tem das demais, neste caso a da recém-fundada nação norte-americana, em relação ao contexto cultural, religioso e político de Macau no século XIX. A viagem da autora vai-se construindo em torno de representações, por vezes hiperbólicas, de tempos, lugares e personagens em constante movimento, de e para o enclave sob administração portuguesa:

Macao from the sea looks beautiful, with some romantic spots. We arrived [...] took sedan chairs and went to our house [...] The streets of Macao are narrow and irregular, but we have a garden in which I anticipate much pleasure. In fact there are two, one above the other. All the paths are of flat stones [...] you ascend to an observatory from which we have a fine view of the bay and harbor, and can see all over the town [...] a terrace and

⁶ Cf. Tzevan Todorov, *La Conquête de L’Amérique: La question de l’autre*, Éditions du Seuil, Paris, 1982, p. 254.

there many pretty plants. With this pretty spot and a few birds I shall get along very comfortably. **I had no idea there was so pretty a place here**, but I want some one to enjoy it with. (28, negrito nosso).

Por entre visitas dominicais e procissões (chinesas e portuguesas) constantes nas sinuosas ruas do território, a jovem americana critica a vivência católica do mesmo, não entendendo as manifestações públicas de fé de uma religião diferente da sua, visitando inúmeras vezes as casas de residentes americanos e ingleses, como a do pintor George Chinnery, com quem convive e pinta, existindo actualmente no Peabody Essex Museum (Salem) um quadro da jovem da autoria deste mesmo pintor.

Em Macau, sociedade patriarcal desde a sua fundação, a comunidade feminina estrangeira fica praticamente à sua própria mercê durante as épocas comerciais em que os seus familiares e amigos homens se deslocam para Cantão, o que se torna mais evidente em momentos de pressão ou perigo, como em 7 de Dezembro de 1832, quando alguns ladrões tentam forçar a entrada na residência dos Low, ao que a autora reage afirmando: "As all the gentleman are in Canton, they would have had no opportunity to show their gallantry." (158). A 'coscuvilhice' (*gossip*) da pequena colónia portuguesa acaba por invadir, várias vezes, o espaço íntimo de Harriett, que informa a irmã da sua solidão e mudança de sentimentos em relação à cidade, onde se sente engordar de dia para dia, embora, devido ao défice de mulheres jovens no território, não sinta qualquer rivalidade:

You have no idea how circumspect it is necessary to be in this place! This gossip concerns me only as it concerns the whole sex,⁷ but I intend to learn a lesson by another's experience. It is about a lady who has been

⁷ Ao longo de todo o diário, a autora demonstra um enorme interesse por temáticas relacionadas com o sexo feminino, quer nativo quer das metrópoles coloniais, comentando, em 10 de Dezembro de 1832, as afirmações que Mr. Inglis tece sobre as mulheres: "I think he has not much respect for the fair sex [...]. He speaks highly of American ladies, but the ladies in India he cannot abide, and, indeed, they are but toys. They are designed by their parents, from childhood for the India market. They are taught to dance, sing, and play [...] and are then fitted up and sent out in ship-loads to be disposed of to the highest bidder. [...] from people who have lived in India I have heard the most melancholy description of such marriages, more than half of them turn out unhappily. The climate makes Englishwomen unfit for anything, and they lead a listless, vain, and useless life." (159).

staying in Macao for the last six months. Thank fortune, she has now gone! It really made me quite melancholic [...]. it is a heartless way of living. There are but few here we can put confidence in [...] I have no one to walk with, and it is not proper for me to go alone. (*November 12*; 41) [...] It would not be so if there were many ladies here, but you know they are scarce. There are twenty times as many gentlemen, only a little sprinkling of ladies. I have no rivals, as there is but one spinster in the place. (*November 18* [1829], 44).

As referências a passeios pelas ruas, no Campo e nas ilhas adjacentes são constantes quer a pé, na companhia de cules ou de amigos, quer nas cadeirinhas que transportam os membros das famílias abastadas, conferindo aos mesmos um estatuto e prestígio demarcados. A autora afirma encontrar nesses passeios por Macau: “[...] Portuguese and Chinamen, who annoyed [them] very much by their intent gaze [...]” (*Sunday, October 18*, 32), deparando-se durante este mesmo *tour* pelo território com duas chinesas de pés enfaixados, prática que merece um longo e admirado comentário com base no seu saber, agora de experiência feito:

[...] We saw two of their women with small feet. I was perfectly astonished, although I had heard so much of them; but I never believed it, and always supposed I must be deceived. These women’s feet were about the size of our little’s Charley’s. [...] I thought she must be in torture, but she walked apparently with the greatest ease. Both women carried little canes. (32).

Uma outra descrição das comunidades quer portuguesa quer chinesa tem lugar quando da primeira visita às pistas de corridas de cavalo na Areia Preta, mais uma das atrações e entretenimentos de Macau:

November 5 [1829] — [...] The race-ground is at what is called the Barrier, which prevents all foreigners from passing over the spot. The course is about three-quarters of a mile. It is a delightful place, and I was much amused by the novel scene. There was a temporary house of bamboo built for the ladies, and I assure you, my dear sis, it was very interesting to look upon the motley group

below us. ⁸ Chinese of all descriptions, dressed in their most singular costume, some with these large basket hats [...] carrying a fan which they hold up to screen them from the sun [...] The poor little things [babies] were knocked in the crowd as if they had been so many bits of wood. Portuguese and Lascars [Indians] were mixed with the Chinese, and to hear the mixture of languages — none of which I understood — made me think of the confusion of Babel [...] Some of the races were very good, and some large bets were made. (39-40).

Muitas outras vistas da cidade, bem como a toponímia local, encontram-se registadas pela pena de Harriett, à semelhança do que Chinnery faz, na mesma altura, com os seus quadros:

[...] *Saturday, October 24* [1829] — On another hill near by stands what is called the *Gear* [Guia] signifying Beacon. ⁹ It is very high, and is a convent, ¹⁰ I believe. [...] the Franciscan church, and the green ¹¹ where the ladies walk [...] little view of the sea, but a new house lately built intercepts our view very much. ¹² [...] In other direction we have a fine view of the harbor [...] hills with an ancient church and convent. It is really a delightful spot. I love it now, and if we remove [...] I shall regret it much." (36).

Um dos exóticos *ex-libris* de Macau oitocentista é o famoso 'aviário' do negociante de ópio inglês Thomas Beale, considerado, durante parte do século XIX, o homem mais rico da cidade. O mercador vive numa antiga casa senhorial portuguesa, rodeada de jardins adornados por uma vasta colecção de plantas e aves raras que os seus agentes adquirem por toda a Ásia, ¹³ fauna

⁸ De acordo com a descrição de Austin Coates, *China Races*, pp. 8-12, podemos afirmar que Harriett se encontra no "Ladies Stand" propositadamente construído para as senhoras de Macau: "[...] the Stand was erected in the curve of the hill, with tumbling slopes covered with bushes and fringed with flamboyants and bamboo on either side, and ahead the broad Pearl River, with Castle Peak and Lantao Island far away in the blue distance." (Idem, *ibidem*, p. 12).

⁹ Fortaleza de S. Paulo, na Colina do Monte.

¹⁰ Convento de São Francisco, demolido em 1864 para dar lugar ao quartel com o mesmo nome.

¹¹ Jardim de São Francisco.

¹² Tendência esta que não parou em Macau desde então, tendo-se intensificado nas últimas décadas.

¹³ De entre os muitos autores que também descrevem e/ou referem o mercado inglês, veja-se William C. Hunter, *Bits of Old China*, Kegan Paul, Trench, & Co., Londres, 1885, pp. 73-78; Austin Coates, *Macau: Calçadas da História*, Gradiva — Instituto Cultural de Macau, Lisboa, 1991 [1978], pp. 109-115.

essa que a autora descreve minuciosamente à sua irmã, enquanto confessa a impossibilidade da linguagem/escrita para representar (*mimesis*) tamanha singularidade e maravilha:

October 26 [1829] — [...] We went to Mr. Beale's, where we were cordially received by the old gentleman, and entertained beyond measure. He has an aviary filled with a most choice collection of birds. The birds of paradise is by far the most beautiful. You cannot imagine plumage more perfect [...] you can barely judge of the beauty of this bird [...]. Another singular bird is called the dagger-breasted pigeon. I cannot describe to you the beauty of all these birds. They were too numerous. [...] we walked in the garden, which is literally filled with plants and trees of the rarest kinds, and has a pond filled with a great variety of gold-fishes. [...] we were joined by several friends, and went to the house and took tea made in the Chinese style. Each one's tea is put into a covered cup till sufficiently steeped, and is then drunk without milk or sugar. (36-37).

A 'cerimónia' do chá coroa a visita a este monumento dedicado à diversidade e exotismo orientais, ficando implícita na última comparação por dissemelhança a forma como os americanos bebem chá: com (açúcar e) leite. Muita informação acerca das duas civilizações em contacto deverá, portanto, ser lida nas entrelinhas do tecido do texto elaborado por Harriett Low, uma vez que a viajante compara, consciente e inconscientemente, o cá e o lá. O ano novo lunar é também festejado pelos chineses, que exigem relativa conformidade com as suas crenças e hábitos:

January 24. [1830] — The comprador (butler) chin-chin'd us not to ring the bell to-morrow, being their New Year's day. The Chinese have an idea it will call up Fanqui, or the devil. They fire crackers all day for the purpose of keeping off the evil spirit for the coming year. January 25. — A great day with the Chinese. They all have a new suit of clothes, and keep a sort of holiday, going home to their families, to chin-chin Joss, etc. They are all obliged to pay their debts at this time. Most of the servants got a little too much luncheon this morning. Our comprador did not hesitate to say that he was "too muchy drunk" (50).

Todas estas descrições, e as muitas outras, que povoam o texto podem perfeitamente servir de suporte e/ou guia escrito para uma incursão a algumas das gravuras do enclave que George Chinnery nos legou, entre 1825 e 1852, uma vez que ambos os estrangeiros convivem na cidade durante alguns anos, apreciando paisagens e tipos sociais que o inglês regista com o 'pincel' e a jovem americana com a sua 'pena'.

As entradas do diário e as cartas, através de explicações e apartes entre parêntesis que facilitam a leitura e interpretação do leitor, acabam por traduzir não apenas termos chineses e portugueses mas também hábitos e interesses económicos das diversas comunidades que interagem em Macau,¹⁴ remetendo para a problemática da representação do Outro, as suas limitações e manipulações.¹⁵ O excerto da obra que serve de epígrafe a este trabalho expressa essa mesma tentativa de compreensão que a jovem diarista unitária tenta levar a cabo no seu longo e, por vezes, penoso processo de adaptação numa sociedade, simultaneamente, exótica e familiar, mas sempre distante e solitária para uma emigrante solteira norte-americana: "[...] a place where the society is too small, the interests clashing, petty feuds existing, where the voice of friendship is seldom heard, in a word, where all are strangers to each other." (*February 7* [1833], 173). Não será, portanto, de estranhar que, num território e sociedade já bem conhecidos, as entradas do final do diário se tornem desabafos mais espirituais e menos mundanos, à medida que também a sensação de exotismo se vai esbatendo, enquanto a autora enumera os navios americanos que chegam e partem do Sul da China.

¹⁴ Veja-se Susan J. Henders, «Prefácio», in Carlos José Caldeira, *Macau em 1850: Crónica de Viagem*, Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa — Quetzal Editores, Lisboa, 1997, pp. iv-v: "Apesar do verniz europeu, Macau era uma cidade predominantemente chinesa, com 20 a 25 000 habitantes chineses. Só 4000 a 5000 dos seus residentes eram de origem portuguesa, sendo 2/3 mulheres. Separados por religião, linguagem, classe social, riqueza e preconceito, os comerciantes europeus e os portugueses de Macau, apesar de mutuamente dependentes, não se misturavam. [...] Os portugueses de mais elevado estatuto detinham a autoridade administrativa, religiosa e militar no território, num **poder temperado pela força económica dos comerciantes britânicos e americanos** e pelo poder político dos funcionários imperiais chineses [...]" (negrito nosso). Já Maurice Collis, *Foreign Mud*, Faber, Londres, 1946, p. 17, afirma que em Macau existem em 1830 cerca de 3000 portugueses de sangue puro e misto.

¹⁵ Cf. Ovidi Carbonell i Cortés, *passim Traducir al Otro: Traducción, exotismo, poscolonialismo*, Ediciones de la Universidad de Castilla-La Mancha, Cuenca, 1997. Veja-se também Zita Nunes, «Race under Representation», in *Culture/Contexture: Explorations in Anthropology and Literary Studies*, University of California Press, Berkeley, 1996, pp. 235-272.

Todos estes elementos concorrem para tornar este testemunho intimista e documento autobiográfico uma fonte importante para a história (cultural) de Macau oitocentista, obviamente diferente da documentação 'masculina' em que impera, sobretudo, um interesse comercial e cuja atenção na cidade apenas se mantém durante as estações de repouso, fora de Cantão. O facto de Harriett Low permanecer todo o ano em Macau torna o diário uma fonte privilegiada de informação sobre a rotina e hábitos das comunidades, sobretudo, inglesa e americana na Cidade do Santo Nome de Deus na primeira metade do século XIX, o chamado período 'pré-tratados', num tempo próximo das Guerras do Ópio que alterariam as vivências presentes no texto, bem como a importância internacional de Macau para sempre.